

# A CULTURA DA VIOLA CAIPIRA NA REGIÃO DE SÃO JOÃO DEL-REI-MG: UMA ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS<sup>1</sup>

## *THE BRAZILIAN VIOLA CULTURE IN THE REGION OF SÃO JOÃO DEL REI, MG: ANALYSIS OF TRAJECTORIES*

Cássio Tadeu de Resende  
Universidade Federal de São João Del-Rei  
[cassioufsj@yahoo.com.br](mailto:cassioufsj@yahoo.com.br)

### Resumo

Este estudo pretende refletir acerca da cultura de viola na região de São João del-Rei na segunda metade do século XX. Através da análise de bibliografia especializada, periódicos de época e, sobretudo com base em relatos de violeiros e foliões, conseguimos traçar um pouco da trajetória deste instrumento na região. Identificamos uma forte presença da viola nas manifestações populares na segunda metade do século XIX e uma escassez deste instrumento na cidade, nas práticas de música popular ao longo do século XX.

**Palavras-chave:** Viola; cultura da viola; Música popular; São João del-Rei.

---

1 A discussão presente neste texto é parte de um trabalho de conclusão de curso intitulado "A cultura da viola caipira na região de São João del-Rei-MG na segunda metade do século XX", sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Edson Cardoso Filho e defendido no Departamento de Música da Universidade Federal de São João del-Rei em 2014. É também uma extensão da comunicação de pesquisa apresentada no congresso da ANPPOM, Vitória - ES, 2015.

## Abstract

This study intends to reflect on the culture of viola at the São João del Rei area in the second half of the century. XX. Through literature analysis specialist periodicals season and especially on the basis of guitar players and revelers reports we can trace some of the history of this instrument in the region. We identified a strong presence viola in the popular culture in the second half of the nineteenth century and a shortage of this instrument in the city in popular music practices throughout the twentieth century.

**Keywords:** Brazilian viola; viola culture; Música popular; São João del-Rei.

## Introdução

A viola de arame, instrumento ancestral à moderna viola caipira, foi trazida ao Brasil durante o período de colonização pelos jesuítas portugueses, que a usavam como instrumento de acompanhamento das canções religiosas para catequizar os índios da região.

O instrumento foi largamente difundido em Portugal, sendo muito popular nos jograis e cantares trovadorescos. Documentos datados de 1459 relatam que a viola não era bem vista pelos procuradores da cidade de Ponte de Lima, pois certas pessoas a utilizavam, tocando e cantando, com o intuito de roubar as casas, dormir com suas mulheres, filhas e criadas. (CORRÊA, 2002, p.21-22)

Nesta mesma obra, encontram-se pesquisas relacionadas aos tipos de violas em Portugal e na América portuguesa:

A viola no Brasil, além de manter inalteradas as principais características do instrumento português, preservou seu forte caráter popular. Ainda hoje é instrumento muito difundido - encontrado em todas as regiões brasileiras - e presente em várias de nossas manifestações tradicionais (CORRÊA, 2002, p. 24).

Alguns estudos sobre música popular citam a viola de Queluz como um marco na produção e na cultura da viola no Brasil do século XIX:

A viola artesanal que alcançou maior fama foi a viola de Queluz – atual cidade de conselheiro Lafaiete, em Minas Gerais – produzida ali, onde havia várias oficinas, no final do século XIX e início do XX. A viola de Queluz seguia o modelo da antiga viola toeira de Portugal, apresentando doze cordas distribuídas em cinco ordens, sendo as duas últimas com três cordas, cada – um bordão e duas cordas finas (CORRÊA, 2002, p. 23).

A Viola de Queluz ficou muito famosa no Brasil, cujos principais construtores foram as famílias Meirelles e Salgado da antiga cidade de Queluz, hoje Conselheiro Lafaiete – MG. A produção desses instrumentos se deu entre o século XIX e meados dos anos 1930 e 1940 do século seguinte. Já no fim da década de 1950, sua construção foi interrompida devido à fabricação de violas em larga escala pelos fabricantes Tranquilo Giannini e Del Vecchio, gerando uma competição desigual em termos de valor final, comparada aos instrumentos produzidos pelas famílias Meirelles e Salgado.

Atualmente, a cultura da viola está relacionada ao ambiente rural, tanto que nos referimos a ela como Viola Caipira, Viola Sertaneja, Viola Cabocla, Viola de Cocho, entre outras denominações. No entanto, Ivan Vilela cita no início de seu artigo, *A Viola*, a seguinte frase: “Apesar de nos remeter ao mundo rural, a viola foi antes um instrumento urbano, tanto em Portugal quanto no Brasil”. Vilela também descreve que:

É importante lembrarmos que inúmeras manifestações que achamos serem tipicamente rurais desde seu surgimento, tiveram sua origem nos centros urbanos da colônia como é o caso da Dança de São Gonçalo e das Folias do Divino. Estas sempre se fizeram acompanhar da viola (VILELA, 2008-2009, p. 8).

Se num primeiro momento, a viola foi fundamental para a constituição da musicalidade no ambiente urbano, num segundo momento, o instrumento firmou suas raízes no sertão, no mundo rural.

Na busca por indícios que nos permitissem percorrer os caminhos da viola em São João del-Rei, utilizamos, para este trabalho, um conjunto variado de fontes, incluindo artigos de jornais datados do fim do século XIX, bibliografias de cunho historiográfico sobre a viola e entrevistas semiestruturadas com quatro violeiros e um folião de reis, personagens importantes para a cultura local da viola.

## Músicas populares em São João del-Rei no fim do século XIX

Aspectos importantes foram observados na crônica de Severiano de Resende “As Consoadas em São João del-Rei” do jornal “O Arauto de Minas”, datado de 24 de dezembro de 1880. Tais aspectos estão relacionados a instrumentação, gêneros e locais onde eram executadas as músicas da época.

Em um trecho desta crônica, Severiano de Resende descreve como eram as festividades que antecediam o natal em São João del-Rei,

*À noite, nas casas de gente remediada ou de haveres, reúne-se selecta sociedade — toca-se piano, canta-se uma modinha brasileira, um romance francez, um trecho do Trovador, da Traviata, forman-se pares e dança-se.*

*As classes menos favorecidas da fortuna ou mesmo os pobres também se reúnem e se divertem.*

*Quem às dez horas da noite passar pelo Tijuco há de ver illuminada a velha chakra de S. Caetano, antiga habitação de um celebre Guarda-mór, d’onde partem festivais sons da faceira viola, em harmonia com os de afinada rabeca, de machetes e pandeiros, misturando-se as vozes dos cantores ao arruído de forte sapateado de mestres batuqueiros e adestradas marchadeiras.*

*Como este, há muitos cateretês, no Barro, no Morro da Forca, no Pau do Angá e no alto das Mercês: e, cidade toda illuminada tem um aspecto encantador e festivo, apresentando uma vista pittoresca as casinhas, que estão semeadas pela serra, cujas luminárias brilham ao longo com efeito maravilhoso<sup>2</sup>.*

Notamos uma clara divisão social, a qual reflete diretamente nos gêneros musicais e em uma instrumentação distinta utilizada pelos indivíduos de uma e outra classe. As classes mais abastadas tinham suas práticas musicais centradas no piano, que era utilizado para acompanhar modinhas supostamente brasileiras e excertos de ópera italiana,

---

<sup>2</sup> Jornal “O Arauto de Minas”, São João del-Rei, 24 de dezembro de 1880, ANNO IV, Numero 39.

muito comuns à época. Em contrapartida, a população com um poder aquisitivo inferior utilizava uma instrumentação diversificada, indicando um fazer musical mais coletivo. Podemos observar ainda, que o ambiente da viola estava inserido em um contexto popular na região e em bairros característicos de manifestações musicais de tradição oral.

Identificamos, além da viola, um grupo de instrumentos típico daquele período, como a rabeça, o machete – que se assemelha ao atual cavaquinho – e o pandeiro, completando com cantorias e sapateados ao ritmo dos cateretês. O termo cateretê já denominou baile popular em Minas Gerais e segundo Jairo Severiano,

[...] o catira ou cateretê é uma dança rural das regiões Sudeste e Centro-Oeste, originária de uma antiquíssima dança indígena, que o Padre José de Anchieta adaptou para as festas católicas. No primeiro século da colonização, ele a usava para fazer o índio dançar e cantar textos cristãos trazidos para o tupi (SEVERIANO, 2008, p. 236).

Rosa Nepomuceno ainda completa,

O catira tem momentos bem definidos: no início, é moda de viola, narrando fatos e histórias de santos, entrecortados por ponteados de viola (os solos). Nesse ponto as danças evoluem. O desfecho é chamado de recortado, quando 'peripécias' com o sapateado chegam ao clímax e a cantoria se mistura a elas (NEPOMUCENO *apud* SEVERIANO, 2008, p. 236).

Na segunda metade do século XIX, observamos informações que nos levam a acreditar que a viola era bem difundida na região de São João del-Rei, fazendo parte de um ambiente popular festivo e religioso, como observamos em um outro trecho da mesma crônica de Severiano de Resende:

– Bonito! O armador é bem caprichoso! Como esta bem arranjadinho o menino Jesus em sua caminhada ao pé da manjedoura, onde ruma o gado!

– Vovó é de galinha aquele grande ovo?

– Não é não, sinhá, aquilo é ovo de ema.

E nestas interrogações, em respostas e explicações, leva o tempo esquecido e só deixam o Presépio depois de minucioso exame, voltando de novo à visita no dia de Anno-Bom e Reis, para notar a aproximação dos magos, os quais já percorrem a cidade, representados por um grupo de guapos rapazes, que vão de casa em casa, cantando ao som da viola, da rabeça, de esganiçada clarineta, da caixa de guerra, do réque-reque — e recolhendo as offerendas que recebem.

Cheias de emoção e poesia, as festas de S. João del-Rei gravam no coração suaves e saudosas recordações<sup>3</sup>!

São observadas, neste trecho, informações importantes ligadas às manifestações populares e religiosas em diferentes camadas sociais. Severiano de Resende cita no texto a presença da Sinhá, que pode indicar o envolvimento das classes abastadas nestas manifestações. Outra informação pertinente diz respeito ao grupo que denominamos hoje como Folia do Divino. Este era presente naquela época, porém o autor não denomina o referido grupo que anda de casa em casa ao som da rabeça, viola, clarineta, reque-reque e caixa de guerra, recolhendo oferendas com tal denominação, apenas informando que era um grupo de rapazes com boa aparência.

Ao fim deste século, São João del-Rei encontrava-se em um forte desenvolvimento comercial, ligando diversas partes da região, caracterizando-se assim, como um pólo comercial importante para os moradores e indivíduos residentes, definitivamente ou não, nesta região. Ana Paula Mendonça de Resende cita em sua tese de mestrado intitulada *A Organização Social dos Trabalhadores Fabris em São João del-Rei: O caso da Companhia Industrial São Joanense (1891/1935)* a seguinte reflexão em torno da constituição da cidade:

Na sociedade são-joanense é difícil separar e definir o que seria o urbano e o que seria o rural, uma vez que essas definições se perdem na realidade analisada, em que se verifica a existência de uma migração intensa e também o fato de que o “tecido urbano” se alastra em direção ao campo, preservando, quando muito “ilhas de ruralidade” (RESENDE, 2003, p. 22).

---

3 Jornal “O Arauto de Minas”, São João del-Rei, 24 de dezembro de 1880, ANNO IV, Numero 39.

Quando citamos os trechos da crônica de Severiano de Resende, juntamente com esta descrição, conseguimos definir um pouco do que seria a cultura urbana atrelada ao ambiente rural naquele período. Como nosso objetivo consiste em pesquisar o ambiente de viola na região de São João del-Rei e considerando aspectos observados acima, podemos apontar um pouco da vivência da viola em ambientes distintos, tais como festas populares, comemorações religiosas, tanto na área urbana como na área rural daquele período.

## **A cultura da viola nas vozes dos violeiros da cidade**

Neste trabalho, consideramos como cultura de viola, todas as práticas culturais que envolvem este instrumento na região e suas manifestações musicais, tanto de tradição oral (folias, congados, reisados), como as práticas individuais e profissionais da música regional e sertaneja como um todo. A cultura da viola conecta afetivamente indivíduos de diferentes regiões, tanto em ambientes rurais ou urbanos e, através da memória cultural que ela agrega, acaba por atuar também como agente construtor de identidades e histórias de vida.

Para investigarmos a cultura da viola em São João del-Rei na segunda metade do século XX, encontramos poucas referências bibliográficas. As entrevistas foram as principais fontes utilizadas nesta pesquisa. Nossos colaboradores foram Sr. João Batista do Nascimento (Seu Matias), José dos Santos da Silva (Zé da Viola), Antenor Mariano Neto (Barroso), Sebastião Carvalho Silva (Tião do Fole), Francisco Antonio Lobo Leite (Chico Lobo).

Antes de iniciarmos uma análise detalhada deste contexto cultural, vamos caracterizar os perfis de cada indivíduo que contribuiu com seus depoimentos.

Sr. João Batista do Nascimento é folião e nasceu em 1924, no Rio das Mortes, distrito da cidade de São João del-Rei - MG. Seu Matias formou sua primeira folia em 1947, ainda neste distrito.

Sr. José dos Santos da Silva é violeiro e nasceu em uma fazenda denominada "Fazenda Serrinha" perto do Engenho de Serra no Município de São João del-Rei - MG, em 1944. O Sr. José é conhecido na região por Zé da Viola.

O Sr. Antenor Mariano Neto é violeiro e nasceu em São Miguel Arcângelo (Cajuru), zona rural de São João del-Rei, em 1947. Barroso, apelido que o acompanha desde a época de colégio, é um grande amante da arte da viola desde pequeno, quando teve seu primeiro contato com a viola através do rádio, aos 12 anos de idade.

Sebastião Carvalho Silva é sanfoneiro por profissão e violeiro nas horas vagas, nasceu na zona rural da cidade de Conceição da Barra de Minas, a aproximadamente 45 km de São João del-Rei, em 1948. Tião do Fole foi o apelido adquirido por volta de 1980, quando começou a exercer a profissão de sanfoneiro.

Francisco Antonio Lobo Leite nasceu em São João del-Rei, em 1963. Chico Lobo é bem conhecido não só em sua cidade de origem, como também nacional e internacionalmente como um grande violeiro, cantor, compositor e cultivador da cultura raiz.

A transcrição das entrevistas foi feita de forma literal, realizando pequenas alterações na transposição da linguagem falada para a escrita, a fim de facilitar o entendimento do leitor.

## **Influências locais, a importância das Folias de Reis e do rádio**

Em princípio, não obtivemos relatos de viola que se encontrassem, de fato, de uma forma predominante no fim dos anos 1940 e início dos anos 1950 na região. Como o Seu Matias comenta, por volta de 1947, quando iniciou sua primeira folia no Rio das Mortes, não tinha viola, sendo que a primeira viola que entrou em sua folia foi por volta de 1980.

Chico Lobo conta como foi sua primeira influência com a música local e com a viola,

Primeiro eu nasci num berço de música né? Por causa do papai. O papai como sempre cantava pra gente... O papai na verdade é seresteiro, tocava violão, mas o papai gostava muito de música caipira também, porque na juventude dele, ele já teve dupla caipira, então também foi um contato que eu tive com essa música caipira. (...) A lembrança que eu tenho era de uma folia que entrou aqui



em casa que o papai recebia e tinha viola na folia, agora não sei... Não me lembro qual das folias, que na verdade eu era criança... Era o mestre que tocava a viola, que deveria ser o instrumento principal da folia, hoje a gente percebe aqui em São João que o acordeom substituiu, mas ainda tem umas duas ou três folias que ainda tem viola aqui em São João.<sup>4</sup>

Neste trecho, podemos observar pontos importantes, como a influência da família, grupos folclóricos e a viola presente na Folia de Reis, além de observar como o acordeom veio a substituí-la nesta manifestação religiosa.

Barroso comenta que em 1959 quando morava na roça, sua irmã comprou um rádio de pilha e, com isso, ele teve seu primeiro contato com as músicas de “Tonico e Tinoco” e “Moreno e Moreninho”, conseqüentemente, com a viola, pois segundo ele, não se via viola em sua região (Povoado de São Miguel Arcângelo). E a partir de então, o músico se interessou em adquirir uma viola para aprender os toques que ouvia na roça pelas ondas do rádio. De acordo com Barroso,

A gente tinha a liberdade de pegar o passarinho, lá na roça, o canarinho, então a gente pegava e a gente vendia pra um rapaz que vendia aqui em São João, a gente dava pro rapaz, ele dava um trocadinho a gente, a gente passava, aí eu fui juntando pra comprar essa violinha, da pequena<sup>5</sup>.

Zé da Viola teve a sua primeira experiência musical com a Folia de Reis, onde seu pai era integrante e tocava cavaquinho. Ele também ouvia música sertaneja, tais como “A Marca da Ferradura”, “Tristeza do Jeca” e “O Menino da Porteira” nas vozes dos mais antigos de sua região, pois não existia rádio em sua casa no ano 1960. Segundo ele, “na época, quase que não tinha rádio não, era uma vez ou outra que você via esses rádios, desses rádios de pilha grande, não tinha rádio, televisão<sup>6</sup>”.

Tião do Fole também foi influenciado na música por sua família:

---

4 Chico Lobo em entrevista, São João del-Rei, 26/12/2013.

5 Barroso em entrevista, São João del-Rei, 04/12/2013.

6 Zé da Viola em entrevista, São João del-Rei, 07/12/2013.

Nós tínhamos uma influência assim, porque o meu avô, o meu avô, ele era um folião, então antigamente... Hoje se chama conjunto de reis, (...) Então a gente cresceu naquele meio (Folias)... E aquilo dando esse entusiasmo de música, então eu, meus irmãos, meus tios, e a rapaziada da região ali, a gente fazia uso, fazia uma "ajuntadazinha" assim à tarde, ou na minha casa ou na casa de algum dos outros lá, e a gente então brincava de tocar, e lá tinha uns senhores, meu tio, meu avô, eles afinavam os instrumentos pra nós, nós tocávamos um pouco desafinava, voltava lá pra afina de novo<sup>7</sup>.

Podemos apontar neste relato, informações importantes no fazer musical, não só de Tião do Fole, mas também de seus companheiros. O conjunto de reis na fala de Tião do Fole se refere à Folia de Reis, nos apontando como esta manifestação popular estava bem inserida na região. Observamos também como essas manifestações influenciavam diretamente os mais jovens, criando uma proximidade com a música local. Com a participação de familiares na Folia, os mais jovens eram levados a participar, de forma que estes se reuniam para brincar de tocar, com o auxílio dos mais experientes.

Seu Matias contou que seu avô era tocador de rabeca e integrante da Folia de Reis, da qual ele tem vaga lembrança. Aprendeu os primeiros toques ao violão com seus 18 anos, em 1942, influenciado pelo Sr. Alberto, tocador de violão e morador da região, que o ensinou os toques de Folia. O restante aprendeu com os companheiros do povoado onde morava.

Observamos em um primeiro momento que a Folia de Reis está diretamente ligada a todos os entrevistados. Inicialmente estes indivíduos eram influenciados por esta cultura e por seus familiares que, ou participavam das folias, ou eram bem próximos dessa manifestação. Os instrumentos que compunham a Folia de Reis na metade do século XX, segundo nossos entrevistados, eram: cavaquinho, violão, acordeom, pandeiro, caixa e xique-xique. Apenas em raras citações aparece a viola.

Quando os violeiros começam a ter um contato com a viola ouvida ao rádio, entendemos que neste ponto é que nasce a vontade

---

7 Tião do Fole em entrevista, São João del-Rei, 30/11/2013.

de tocar este instrumento. Tião do Fole e Zé da Viola neste período já tinham algum conhecimento de instrumentos de cordas, que aprenderam a tocar na Folia de Reis, como cavaquinho e violão. Acreditamos que o rádio foi importante para esse contato com a viola, pois os relatos nos mostram como a viola não estava presente na região dos entrevistados, e que o rádio foi importante para essa cultura de viola na cidade. Segundo Tião do Fole,

Como eu to te dizendo a viola era um instrumento muito difícil, de ter na região, ela tinha pouco acesso e eu quando moleque lá na roça né? Eu consegui através de um Senhor que foi lá ao interior de São Paulo, trouxe uma viola e me vendeu essa viola, então nos anos [19]58, [19]59 por aí<sup>8</sup>.

Os outros violeiros entrevistados compactuam com Tião do Fole quando dizem que era difícil encontrar alguém que tocasse viola na região onde moravam, sendo o rádio, o principal meio de contato desses violeiros com a viola, a partir de seu surgimento, no final da década de 1950. O rádio foi, portanto, um importante mediador entre a viola e o indivíduo no contexto dos nossos entrevistados. Através dele, observamos que novos olhares se deram a este instrumento na região no início da segunda metade do século XX, fazendo com que as pessoas tivessem contato com uma música feita longe dali, ou mesmo que reavivasse na região práticas desse instrumento comuns há um século antes.

Chico Lobo conta que além das influências por ele sofridas pelo seu pai, que é seresteiro, e pela Folias de Reis e Serestas, quando pequeno foi bastante influenciado também pelo rádio,

Ai a questão de ouvir música, de ouvir rádio, eu começo a me interessar por um tipo de música que era diferente do pessoal da minha idade e normalmente esse tipo de música tinha viola, então na época, nos anos [19]70, final dos anos setenta, [19]76, [19]77, eu começo a escuta uma música que vem do nordeste, do movimento Armorial, e tinha viola, eram três grupos, Quinteto Violado, Banda de Pau e Corda e Quinteto Armorial. Em Minas Gerais tinham alguns grupos também que usavam viola na formação, que era "Grupo Agreste", "Grupo Raiz", um do norte de minas. E eu ouvia muito disco do Geraldo Vandré, que já tinha viola. (...) E eu vendo aqueles solos de viola das músicas caipiras aqueles

---

8 Tião do Fole em entrevista, São João del-Rei, 30/11/2013.

“Riffs” (...) A gente ouvia mais Torres e Florêncio (Raul Torres e Florêncio) que foi mais na origem, Tônico e Tinoco que tinha viola. Tião Carreiro, eu comecei a ouvir mais quando eu já descobri a viola, aí eu fui pro Tião Carreiro pra ouvir, mas não era o que eu ouvia inicialmente não. Eu ouvia muito aqueles clássicos que era do João Pacífico o Raul Torres que era Cabocla Tereza, Pingo D’água, Chico Mulato, Chico Mineiro e Moda de Viola, mas as modas de viola de Torres e Florêncio, depois eu não sei como eu consegui LP de Raul Torres e Florêncio, LP’s das década de [19]40 e [19]50, eu consegui isso, e eu ouvia<sup>9</sup>.

Podemos, com essa informação, relacionar outros entrevistados neste contexto, pois foi também, através do rádio, que Barroso, Zé da Viola e Tião do Fole ficaram mais próximos da viola, cada um com uma vivência ímpar em relação às músicas que lhe interessavam, levando-os para este universo moderno da viola. Com esta mesma citação, conseguimos observar ainda um fazer musical vindo do Movimento Armorial no nordeste do país, no qual a viola estava inserida, e diferente dos outros entrevistados, esse movimento influenciou claramente o violeiro Chico Lobo através do rádio, deixando rastros importantes ligados ao músico nos dias de hoje.

Observada de uma forma mais clara a importância do rádio em meio à música, segundo nossos entrevistados, essa observação é reforçada também pelos dados coletados na obra de J.L. Ferrete.

Voltamos, contudo ao disco, ao rádio e à música popular. Foi dito que essa tríade se entrelaçou dependentemente de forma tal que, para finalidades comerciais, não mais pode se separar. O rádio não conseguiu sobreviver comercialmente sem o popular, e nesta esteira resignadamente o disco, prestigiando a música equivalente (FERRETE, 1985, p. 116).

Podemos observar a eficácia deste meio de comunicação que ajudou a unir o que nossos violeiros já tinham adquirido em manifestações culturais locais, como a Folia de Reis e Serestas, e o que estava vindo de novo nas ondas do rádio, como em caso específico ao som da viola, agregando um valor importante ao fazer musical desses

---

9 Chico Lobo em entrevista, São João del-Rei, 26/12/2013.

indivíduos, contemplando uma visão mais diversificada deste meio, sem abdicar da cultura adquirida.

Roberto Corrêa comenta em seu livro *A Arte de Pontear Viola* como a evolução dos meios de comunicação, dentre outros fatores, podem ter contribuído para alterações significativas da música tradicional caipira. Segundo ele,

Em nossa história recente, a luz elétrica, o êxodo rural, a evolução dos meios de comunicação e mais uma série de fatores acabaram provocando, em maior ou menor grau, alterações significativas na música tradicional caipira, e, mesmo, a sua descontinuidade.

No entanto, não apenas os fundamentos destas manifestações permanecem guardados na memória do povo, como alguns elementos musicais vão sendo repassados, mesmo que desvinculados das funções de origem. São os toques de viola, as maneiras de se entoar a voz, os ritmos percussivos, os trejeitos na dança, melodias, versos, toadas e muito mais, criações com autorias pouco definidas, ou cujas autorias se diluíram no tempo, e que se foram apurando no gosto popular (CORRÊA, 2002, p. 64/65).

Podemos estabelecer relações intrínsecas com nossos entrevistados, pois como descrito anteriormente, todos, em um primeiro momento, tiveram uma vivência musical bem próxima com influências na família e na Folia de Reis e, em um segundo momento, se aproximando desta evolução tecnológica que na época foi o rádio.

## Considerações Finais

Podemos observar pontos importantes ligados a cultura da viola na região de São João del-Rei. Um deles é que existem indícios que não se constituiu uma cultura de viola de uma forma sólida nesta região, ao longo do século XX. Por outro lado, no século XIX, nos pareceu que o ambiente de viola estava mais presente na cidade. Podemos observar também uma predominância da Folia de Reis em ambos os séculos na região e que esta Folia foi bem significativa na vida de nossos entrevistados. O rádio pode ter influenciado diretamente nossos entrevistados.

Através da crônica de Severiano de Resende, encontramos rastros da viola na cidade de São João del-Rei na década de 1880, em festividades populares e comemorações religiosas, em um ambiente predominantemente urbano no qual estava inserida. Já no século seguinte, observamos que a viola perdeu um pouco de seu espaço na cidade, migrando para o meio rural.

Em um contexto geral desta pesquisa, podemos apontar a viola como um instrumento pouco difundido na região até a aparição do rádio, por volta de 1960. Com esta tecnologia, surgiram novos violeiros, que foram influenciados, desde pequenos, pela música local. No fim do século XX e início do século XXI é observado um crescimento no ambiente musical com o uso da viola na cidade.

## Referências Bibliográficas

CORRÊA, Roberto. *A Arte de Pontear Viola*. 2º Ed., Brasília: Viola Corrêa produções artísticas, 2002.

FERRETE, J. L. *Capitão Furtado - Viola caipira ou sertaneja?* 1º Ed., Editora Brasil - America, FUNARTE 1985.

GUTEMBERG, Jaqueline Souza. *O Estilo Raiz Maneiras de (Re) Pensar o Sertão*. Anais do III Congresso Internacional de História da UFC. Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

JUNIOR, Alair Ignacio dos Santos. *Cascatinha e Inhana. Uma História Contada às Falas e Mídia*. 1º Ed. maio de 2010, São Paulo: Annablume, 2010.

RESENDE, Ana Paula Mendonça. *A organização social dos trabalhadores fabris em São João del-Rei :O caso da Companhia Industrial São Joanense. 1891/1935*. 2003, Dissertação Mestrado, UFMG.

RESENDE, Severiano. *As Consoadas em São João del-Rei*. O Arauto de Minas. São João del-Rei, nº39, ano IV, p.2, 24 dez. 1880 <[http://memoria.bn.br/pdf/715131/per715131\\_1880\\_00039.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/715131/per715131_1880_00039.pdf)> Último acesso em: 10 de agosto de 2016.

SEVERIANO, Jairo. *Uma história da música popular brasileira - Das origens à modernidade*. 1º Ed., São Paulo: Editora 34, 2008.

TINHORÃO, José Ramos. *História Social da Música Popular brasileira*. Edição brasileira 1998, São Paulo: Editora 34, 1998.

VILELA Ivan, *A Viola, Ensaio elaborado especialmente para o projeto Músicos do Brasil: Uma Enciclopédia, patrocinado pela Petrobras através da Lei Rouanet. 2008-2009, disponível em: <<http://www.ivanvilela.com.br/pesquisador/ivanvilela-aviola.pdf>>* Último acesso em 06 de março de 2016.

## Entrevistas

Antenor Mariano Neto (Barroso) em entrevista concedida a Cássio Tadeu de Resende, São João del-Rei, 04/12/2013.

Francisco Antonio Lobo Leite (Chico Lobo) em entrevista concedida a Cássio Tadeu de Resende, São João del-Rei, 26/12/2013.

João Batista do Nascimento (Seu Matias) em entrevista concedida a Cássio Tadeu de Resende, São João del-Rei, 02/12/2013.

José dos Santos da Silva (Zé da Viola) em entrevista concedida a Cássio Tadeu de Resende, São João del-Rei, 07/12/2013.

Sebastião Carvalho Silva (Tião do Fole) em entrevista concedida a Cássio Tadeu de Resende, São João del-Rei, 30/11/2013.

## Sobre o autor

Cássio Tadeu de Resende é natural de São João del-Rei - MG. Licenciado em música com habilitação em violão pela Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, Estudou também na Universidade de Música Popular – BITUCA, concluindo o curso ao fim de 2016. Pesquisador em educação musical e cultura popular, desenvolve estudos sobre a viola caipira no âmbito histórico na região de São João del-Rei, como também métodos de ensino do instrumento. Atualmente é professor de violão no Conservatório Estadual de Música Pe. José Maria Xavier e ministra aulas de viola caipira no projeto “Viola na Escola”, projeto desenvolvido em parceria entre Instituto Chico Lobo, Universidade Federal de São João del-Rei e Prefeitura Municipal de São João del-Rei, onde se leva o ensino do instrumento a zona rural da cidade.

Recebido em: 10/09/2016

Aprovado em: 28/03/2017